

Contos de três em três

PRIMAVERA 2014



Vieira da Silva, *Biblioteca* (1949)

CURSO LIVRE

05.Mai.-04.Jun.2014

2.^a e 4.^a-feira, 18:00-20:00

Sala de vídeo

Inscrições (07-30.Abr.):

Centro de Estudos Comparatistas

(cec@fl.ul.pt)

80 euros (geral) - 40 euros (estudantes)

Outras informações:

www.comparatistas.edu.pt

A frequência do curso dá direito a
um certificado de participação.

Programa

- 05.Mai. **Três contos sobre o conto**
Cristina Almeida Ribeiro
- 07.Mai. **Três contos ou três cronovelemas?**
Ruth Navas
- 12.Mai. **Três contos com retratos vivos**
Marta Pacheco Pinto
- 14.Mai. **Três contos bem-humorados**
Cristina Almeida Ribeiro
- 19.Mai. **Três contos em movimento**
Fátima Freitas Morna
- 21.Mai. **Três contos equívocos**
Maria Graciete Silva
- 26.Mai. **Três contos com final feliz**
Conceição Pereira
- 28.Mai. **Três contos assombrados**
Cristina Almeida Ribeiro
- 02.Jun. **Três contos com crianças e animais**
Margarida Braga Neves
- 04.Jun. **Três contos de mulheres**
Teresa Sousa de Almeida

Curso Livre CONTOS DE TRÊS EM TRÊS

5 de Maio - 4 de Junho de 2014 – 2.^a e 4.^a, 18:00-20:00 – Sala de Vídeo

PROGRAMA¹

1. Três contos sobre o conto

Cristina Almeida Ribeiro

Oriundas de espaços culturais bem diferenciados, “A minha última história” (Janet Frame, 1951), “Figuras jacentes” (Urbano Tavares Rodrigues, 1965) e “Contar um conto” (Augusto Roa Bastos, 1969) são três narrativas breves que têm em comum uma dimensão metaficcional e contrariam a ideia de que só o romance pode ser auto-reflexivo ou narcísico. Trata-se, em todas elas, de, em circunstâncias diversas e sob diversos pretextos, interrogar a viabilidade ou o sentido do conto, interrogando ao mesmo tempo as fronteiras entre realidade e ficção.

2. Três contos ou três cronovelemas?

Ruth Navas

O termo *cronovalema* surge de uma experiência de escrita de Mário de Carvalho e, segundo o próprio autor, designa o conto cronístico dos nossos dias. Com base nesta referência, pretende-se explorar as narrativas de três autores contemporâneos com vivências em diferentes cidades do mundo. A partir da leitura dos textos de Mário de Carvalho (“A inaudita guerra da Avenida Gago Coutinho”, 1983), Gao Xingjian (“O acidente”, 1983) e de Pepetela (“Letras perigosas”, 2009) despontam, de forma directa ou indirecta, as reflexões dos autores/narradores sobre as relações do conto com os acontecimentos banais presenciados (ou vividos) por um escritor no local. Assim, importa chamar a atenção para a pertinência do termo *cronovalema*, sugerindo as combinações textuais assentes na observação das situações ocorridas no quotidiano. Cada *cronovalema* acaba por oferecer ao leitor um processo textual que representa o instante de quem conta um outro acontecimento, bem distinto daquele relatado como efémero e pontual pela imprensa diária.

3. Três contos com retratos vivos

Marta Pacheco Pinto

Esta sessão será dedicada à literatura e cultura japonesas em língua portuguesa, através da leitura, por um lado, de contos traduzidos e, por outro, de reescritas de um conto do velho Japão por autores portugueses. Propõe-se uma viagem por diferentes “retratos vivos”, entendidos como modos de reconhecimento ou desconhecimento, que passará pela contextualização dos contos seleccionados.

Os textos a analisar são: “Como os homens da Guarda Pessoal encontraram a mulher de Shigekata na peregrinação ao santuário de Inari”, da colectânea *Konjaku monogatari* (século XII) [Histórias do passado e do presente]; “O espelho de Matsuyama” (1900), por Wenceslau de Moraes, e “O espelho ou o retrato vivo” (1985), por Sophia de Mello Breyner Andresen; “O nariz” (1916), de Ryūnosuke Akutagawa.

4. Três contos bem-humorados

Cristina Almeida Ribeiro

Nos contos escolhidos para esta sessão – “O milagre do elevador” (Alejo Carpentier, 1929), “[O jantar de despedida]” (Mário-Henrique Leiria, 1975) e “Estacionamento proibido” (Maria de Menezes, 1993) –, o humor, de matriz surrealista ou ligado ao universo da ficção científica, constrói-se com base na transfiguração do real, na banalização do insólito, na domesticação do estranho. Para os estudar, proceder-se-á à análise da situação humorística representada, pensando-a em si mesma e na percepção que o leitor dela tem e procurando identificar os mecanismos narrativos responsáveis por uma e por outra.

5. Três contos em movimento

Fátima Freitas Morna

As três narrativas apresentadas têm em comum o facto de os respectivos narradores se situarem em movimento e assim condicionarem a organização dos seus textos à representação das suas deslocações. Rúben A. (“Verde”, 1960),

¹ Na primeira sessão será entregue a cada participante a antologia que reúne todos os textos a estudar ao longo do curso, pressupondo-se daí por diante, em cada sessão, a leitura prévia dos contos que lhe estão associados.

José Donoso ("Una señora", 1973) e Quim Monzó ("La dama salmón", 2001) proporcionam assim várias perspectivas de observação dos mecanismos narrativos em contextos literários e momentos cronológicos diferentes, permitindo alguma reflexão acerca e em torno destes contos.

6. Três contos equívocos

Maria Graciete Silva

Construídos sobre equívocos, os contos seleccionados – "O defunto", de Luigi Pirandello (1923), "A canção de Lord Rendall", de Javier Marías (1989) e "Seta despedida", de Maria Judite de Carvalho (1995) – relevam também, cada um a seu modo, de estratégias narrativas não menos evasivas, que, em Javier Marías, encontram na relação entre texto e paratexto um factor adicional de perplexidade. Substancialmente diferentes no ritmo e no tom, todos cultivam, entretanto, um sentimento de estranheza que ora se compraz na peripécia e no humor, ora resulta em formas de incerteza tão atractivas quão inquietantes para o leitor.

7. Três contos com final feliz

Conceição Pereira

"E viveram felizes para sempre" é a fórmula associada às narrativas que tipicamente terminam com o dia do casamento de um par ideal que mereceu essa felicidade conjugal que se supõe eterna. No entanto, nem todos os finais felizes são felizes da mesma maneira, como facilmente se verifica nos três contos escolhidos: "O defunto" de Eça de Queirós (1895), "Borrego para a matança" de Roald Dahl (1953) e "Os negros olhos de Vivalma" de Mia Couto (1994). Apenas relativamente ao primeiro se pode dizer que a aplicação da fórmula é literal, pois os outros contos, que também mostram relações conjugais, não acabam no dia do casamento; por isso o desenlace feliz é necessariamente de outra natureza.

8. Três contos assombrados

Cristina Almeida Ribeiro

Limitando-se a ser cenário ou assumindo alguma forma de protagonismo, a casa assombrada, tão ao gosto da literatura gótica que floresceu na segunda metade do século XVIII, encontra nos três contos a estudar – "A queda da casa de Usher", de Edgar Allan Poe (1839), "O fantasma dos Canterville", de Oscar Wilde (1891) e "Casa ocupada", de Julio Cortázar (1946) – outras tantas actualizações. Embora lhe confirmem sempre uma aura de transcendência ou mistério, mais ou menos duradoura, esses contos diferem significativamente, porém, no registo adoptado e no modo como estimulam as emoções e o imaginário do leitor, construindo e explorando situações capazes de provocarem nele o horror, o riso ou a perplexidade.

9. Três contos com crianças e animais

Margarida Braga Neves

Tomando por base um *corpus* composto por contos de Graciliano Ramos ("Minsk", 1947), Jorge de Sena ("Homenagem ao papagaio verde", 1976) e Teolinda Gersão ("A ponte na Califórnia", 2007), pretende-se com esta sessão dar conta do modo como a relação privilegiada da criança-protagonista com o animal de estimação se processa à revelia da família e constitui uma etapa fundamental da sua educação para a morte – sendo esta, como lembra Umberto Eco, uma das principais funções da literatura.

10. Três contos de mulheres

Teresa Sousa de Almeida

Nesta sessão, serão analisados três contos escritos por mulheres: "A marca na parede" ("The Mark on the Wall", 1917), de Virginia Woolf, "Nossa Senhora das Andorinhas" ("Notre-Dame-des-Hirondelles", 1938), de Marguerite Yourcenar, e "A mulher que prendeu a chuva" (2007), de Teolinda Gersão. Todos estes textos falam de uma realidade que se cruza com uma outra, dando lugar a uma espécie de transfiguração. Na narrativa da escritora portuguesa, conta-se como Lisboa pode ser invadida por um espaço africano; no texto de Marguerite Yourcenar, o Cristianismo luta contra o Paganismo e, finalmente, no conto de Virginia Woolf, compreende-se como uma simples marca pode deixar entrever diferentes mundos.